

# **Ser queer<sup>1</sup>**

*Being queer*

**Paul Goodman**

*Sociólogo, poeta e escritor estadunidense<sup>2</sup>*

*Tradução: Chico Moreira Guedes*

*Bacharel em Letras pela UFRJ, professor de inglês,  
estudioso de idiomas e tradutor  
fdguedes@gmail.com*

2

## Resumo

Paul Goodman faz um balanço de como a homossexualidade afetou a sua vida pessoal e profissional e as suas relações com o mundo acadêmico, intelectual e literário da sua época. Reflete também sobre as implicações políticas, sociais e afetivas de uma atividade homossexual intensa e promíscua, ou da sua repressão, nos Estados Unidos da metade do século XX.

Palavras-chave: *Queer*. *Nigger*. Homossexualidade. Liberdade. Preconceito. Repressão. Universidade. *Literature*. Pacifismo.

## Abstract

Paul Goodman gives an account of how homosexuality affected his personal and professional life and his relationship with the academic, intellectual and literary world of his time. He also reflects on the political, social and emotional implications of an intensive and promiscuous homosexual life in mid-20<sup>th</sup> Century USA.

Key-words: *Queer*. *Nigger*. Homosexuality. Freedom. Prejudice. Repression. University. *Literature*. Pacifism.

---

<sup>1</sup> Escrito e publicado pela primeira vez em 1969, três anos antes da morte do autor, por encomenda da revista *WIN*, órgão de imprensa da organização pacifista *War Resisters League*, para uma edição dedicada ao tema da homossexualidade. A tradução aqui publicada foi fruto de uma solicitação feita a Chico Guedes por Jonathan Lee, produtor e diretor do documentário *Paul Goodman Changed My Life*, lançado nos EUA em outubro de 2011.

<sup>2</sup> Paul Goodman nasceu na Cidade de Nova York em 09 de setembro de 1911 e morreu em 02 de agosto de 1972 em uma propriedade rural no estado de New Hampshire. Sociólogo, poeta, escritor, crítico literário, e intelectual militante, Goodman é principalmente lembrado como o autor de *Growing Up Absurd*, *best-seller* sobre educação e delinquência juvenil, publicado em 1960, e como ativista pacifista, líder da nova esquerda norte-americana na década de 1960. Inspirador do movimento de jovens contra a Guerra do Vietnã, Goodman escreveu também sobre planejamento urbano e modelos para vida em comunidade, além de ter sido cofundador da Terapia Gestalt nas décadas de 1940 e 1950. A liberdade e naturalidade com que Goodman, que era casado e pai de três filhos, tratava publicamente – em escritos e nas suas falas públicas – da sua vida homossexual intensa tornou-se um dos mais importantes pontos de partida para a emergência do movimento de liberação gay nos anos 1970.

Em maneiras essenciais, minhas necessidades homossexuais me tornaram um *nigger*<sup>3</sup>. No sentido mais óbvio, tenho sido submetido, é claro, à brutalidade arbitrária de cidadãos e da polícia; mas, fora ter sido derrubado uma vez ou outra, me livreí sem grandes problemas nesses casos. Tenho um bom faro para confusão incipiente e costumava ter pés ligeiros. O que me torna um *nigger* é que não se pressupõe que meu impulso para abordar alguém seja um direito meu. Então fico com a sensação de que essa não é minha rua.

Não reclamo de minhas cantadas não serem aceitas; ninguém pode reivindicar ser amado (exceto crianças pequenas). Contudo, eu sou menosprezado pelo fato em si de dar cantadas, por ser eu mesmo. Ninguém gosta de ser rejeitado, mas há uma maneira de rejeitar uma pessoa que lhe concede o direito de existir, que só fica abaixo de sermos aceitos. Eu raramente desfrutei desse tratamento.

Allen Ginsberg e eu uma vez chamamos a atenção de Stokely Charmichael para o fato de sermos *niggers*, mas ele nos desconsiderou sem pestanejar, dizendo que nós poderíamos sempre esconder nossa disposição e passar despercebidos. Ou seja, ele nos concedeu a mesma falta de imaginação que normalmente se concede aos negros; para ele, nós não existíamos verdadeiramente. É interessante que esse diálogo tenha se passado na TV nacional britânica, esse bastião do sigilo. Mais recentemente, desde a formação do *Gay Liberation Front*, Huey Newton, dos Black Panthers, deu boas-vindas aos homossexuais à revolução, por serem igualmente oprimidos.

Em geral, na América, ser um *nigger queer*<sup>4</sup> não é econômica e profissionalmente uma desvantagem tão grande quanto ser um *nigger* negro, a não ser em algumas áreas como o serviço público, em que há medo e dissimulação consideráveis (em regimes mais puritanos, como a Cuba de hoje, ser *queer* é um mau negócio profissional e civilmente. Regimes totalitários, sejam comunistas, sejam fascistas, parecem ser intrinsecamente puritanos). Porém, minha experiência pessoal tem sido bem mista. Já fui despedido três vezes por causa do meu comportamento *queer* ou por reivindicar meu direito a

---

<sup>3</sup> N.T.: A decisão de manter *nigger* do original em inglês decorre da impossibilidade de traduzir fielmente a carga fortemente pejorativa e racista que o termo carrega historicamente na cultura estadunidense. *Nego, negão, crioulo* ou termos assemelhados, aparentes soluções, não dão conta da força negativa que *nigger* adquiriu no contexto do racismo nos Estados Unidos.

<sup>4</sup> N.T.: A decisão de manter o termo *queer* reflete a opção que tem sido feita universalmente nos textos dos estudos gays traduzidos em várias línguas nos quais ele aparece no original. O termo *queer*, tradicionalmente usado com o sentido de estranho, anormal, aquilo ou aquele que não está de acordo com uma presumida normalidade, foi apropriado por vários autores, preocupados com as questões da sexualidade, sobretudo antes de o termo gay se tornar corrente, como foi o caso do autor.

ele, foram as únicas vezes em que fui despedido. Fui mandado embora da Universidade de Chicago nos primeiros anos de Robert Hutchins; da Escola Manumit, afiliada ao Brookwood Labor College, de A. J. Muste; e do Black Mountain College. Essas eram instituições altamente liberais e progressistas e duas delas se orgulhavam de se considerarem comunidades – francamente, minha experiência com comunidades radicais é que elas não toleram minha liberdade. Apesar disso, sou totalmente a favor de comunidade, porque é uma coisa humana, só que parece que eu estou fadado a ser excluído delas.

Por outro lado, até onde eu sei, meus atos homossexuais e minha reivindicação explícita a eles nunca criaram desvantagem para mim em instituições mais caretas. Ensinei em meia dúzia de universidades estaduais. Sou constantemente convidado, muitas vezes como principal palestrante, para convenções de superintendentes de escolas secundárias, conselhos de diretores, conselheiros pedagógicos, forças-tarefa sobre delinquência juvenil e assim por diante. Falo o que acho que é verdade – com frequência trata-se de temas sexuais –, dou cantadas, se aparece oportunidade, e continuam a me convidar. Até transei algumas vezes, o que é mais do que eu posso dizer de conferências/convenções dos SDS (*Students for a Democratic Society*) ou da Resistência<sup>5</sup>. Talvez as pessoas sejam tão caretas que não acreditam ou se atrevem a notar o meu comportamento; ou, mais provavelmente, esse pessoal profissionalmente mais careta é mais vivido (nossa palavra antiquada para *cool*) e não dá a mínima para o que você fizer desde que eles não tenham que encarar pais ansiosos e a imprensa sensacionalista.

Quando a gente vai envelhecendo, os desejos homossexuais nos deixam mais alertas em relação a adolescentes e jovens, mais do que os desejos heterossexuais, especialmente porque nossa sociedade desaprova fortemente os casos entre homens mais velhos e meninas e mulheres mais velhas e meninos. De qualquer forma, no homem, a parte homossexual da personalidade é uma sobrevivência da adolescência. Porém, nem é preciso dizer que há um limite para essa ponte sobre o abismo entre gerações. Inexoravelmente, eu, como outros homens que frequentam *campi* universitários, nos damos conta de que as sucessivas levadas de calouros parecem cada vez mais imaturas e incomunicáveis, e acabamos parando de tentar assaltar o berçário. A música deles não me anima. Depois de um tempo, meu melhor contato com os jovens passou a ser com os amigos dos meus filhos, como conselheiro na sua política, e não por desejos sexuais meus (a morte do meu filho me afastou totalmente do mundo jovem).

---

<sup>5</sup> N. T.: ao alistamento obrigatório.

Embora eu tenha sido extremamente pobre até doze anos atrás – criei minha família com a renda igual à de um meeiro –, no geral eu não atribuo isso ao fato de ser *queer*, mas à minha total inaptidão, truculência e má sorte. Em 1945, até o exército me rejeitou como “Material Não Militar” (eles tinham esse carimbo), não porque eu fosse *queer*, mas porque durante o exame enchi o saco de todos com meu ativismo pacifista e também porque eu tinha a vista ruim e hemorroidas.

Curiosamente, no entanto, escutei de Harold Rosenberg e do finado Willie Poster que meu comportamento sexual me causava danos precisamente no universo literário de Nova York. Por causa dele, eu deixava de ser convidado para festas vantajosas nas quais poderia fazer contatos e conseguir publicação. Só posso acreditar em Harold e Willie porque eles eram observadores sem preconceitos. O que eu próprio notei é que eu era excluído dos lucrativos círculos literários dominados por marxistas nos anos trinta e por ex-marxistas nos anos quarenta, porque eu era anarquista. Por exemplo, eu nunca era convidado pelo PEN Club ou pelo Committee for Cultural Freedom. Quando o CCF finalmente me procurou no final dos anos cinquenta, eu tive de recusar o convite porque eles já eram patentemente uma ferramenta da C.I.A. (escrevi isso em 1961, mas eles se safaram com mentiras).

Para continuar moralmente vivo, um *nigger* usa vários tipos de malícia, que é a vitalidade dos sem-poder. Ele pode ser aleatoriamente destrutivo, já que sente que não tem nenhum mundo a perder, e talvez consiga impedir os outros de desfrutar o mundo deles, ou ele pode se tornar um grupista fanático, achando que só os seus pares são autênticos e têm alma. Há *queers* e negros pertencentes a ambas categorias. *Queers* são “artísticos”, negros têm “alma” (esse é o tipo da teoria, sinto dizer, que se nega a si própria; quanto mais você acredita nela, mais estúpido se torna; é como tentar provar que você tem senso de humor).

No meu caso particular, entretanto, ser um *nigger* parece me inspirar a querer uma humanidade mais elementar, mais selvagem, menos estruturada, mais variegada e em que as pessoas prestem atenção umas às outras. Ou seja, minhas dificuldades deram energia ao meu anarquismo, utopianismo e gandhismo. Há negros nesse grupo também.

A minha posição política real é fruto de uma reação consciente ao fato de ser um *nigger*. Eu ajo baseado em que “a sociedade na qual eu vivo é minha”, esse é o título de um dos meus livros. Considero o Presidente como meu servidor público, a quem eu pago, e o repreendo como um péssimo empregado. Sou mais constitucional do que a Corte Suprema. Diante da grosseira ilegitimidade do

Governo – com sua guerra do Vietnã, sua facção industrial-militar e a C.I.A. –, eu me apresento como um patriota antiquado, nem tão submisso nem mais revolucionário do que o necessário para os meus modestos objetivos. Isso é uma posição quixotesca. Às vezes eu me pareço com Cícero.

Quando estão no grupismo *Gay Society*, os homossexuais podem se tornar fantasticamente esnobes e apolíticos ou reacionários. Essa é uma ego-defesa compreensível: “Você precisa ser melhor do que alguém”, mas seu benefício é muito limitado. Quando eu faço palestras na *Mattachine Society*, meu sermão invariável é que eles devem se alinhar com todos os outros grupos libertários e movimentos de libertação, já que a liberdade é indivisível. O que precisamos não é de orgulho desafiador e autoconsciência, mas de espaço social para viver e respirar. O pessoal do *Gay Liberation* finalmente entendeu a mensagem da liberdade indivisível, mas eles têm o fanatismo usual do movimento.

No entanto, há um lado positivo. Pela minha observação e experiência, a vida *queer* tem notáveis valores políticos. Pode ser profundamente democratizante, juntando todas as classes e grupos, mais do que a heterossexualidade consegue. Sua promiscuidade pode ser uma coisa linda (mas que seja prudente em relação a doenças venéreas).

Eu já caeei ricos, pobres, classe média e pequenos burgueses; pretos, brancos, amarelos e marrons; acadêmicos, esportistas amadores, universitários medíocres filhos-de-papai e vagabundos; homens do campo, pescadores, ferroviários, trabalhadores das indústrias pesada e leve, das comunicações, dos negócios e das finanças; civis, soldados e marinheiros e, uma ou duas vezes, policiais (mas provavelmente por motivos edipianos tenho a tendência a ser sexualmente antisemita, o que é um saco). Há algum tipo de significado político, creio, no fato de existirem tantos seres humanos atraentes; mas o que é mais significativo é que as muitas funções que eu exerço profissional e economicamente não estão exatamente definidas, retêm certa animação e sensualidade. O HEW, em Washington, e a Escola 201, no Harlem, não são uma perda de tempo total, embora eu fale para as paredes em ambos os lugares. Tenho com que me ocupar nos trens, ônibus e durante as esperas cada vez mais longas nos aeroportos. Em *resorts* de férias, onde as pessoas ficam idiotas porque estão de férias, tenho um motivo para frequentar garçons e camareiros, que estão trabalhando para ganhar a vida. Tenho alguma coisa para fazer em protestos pela paz – música de guitarra não me anima –, embora, sem dúvida, os arquivos da TV e o FBI tenham fotos de mim passando a mão em alguém.

As características humanas que afinal têm importância para mim e podem ganhar minha amizade duradoura são bem simples: saúde, honestidade, não ser cruel ou ressentido, disponibilidade e doçura de personalidade ou de feições. Refletindo sobre isso agora, só a estupidez óbvia, a limpeza obsessiva, o preconceito racial, a insanidade e a bebedeira ou o uso habitual de drogas realmente me causam rejeição.

Na maioria das sociedades humanas, é claro que a sexualidade sempre foi uma área a mais na qual as pessoas podem ser injustas, ricos comprando pobres, machos abusando das fêmeas, *sahibs* usando os *niggers*, adultos explorando os jovens, mas acho que isso é neurótico e não traz a maior satisfação. São Tomás, que foi um grande filósofo moral, embora ruim na metafísica, diz que a principal utilidade do sexo – tomado separadamente da lei natural da procriação – é permitir conhecer outras pessoas intimamente. Essa tem sido minha experiência.

Uma crítica comum da promiscuidade sexual tem sido, é claro, a de que em vez de democracia ela envolve uma superficialidade terrível da conduta humana, sendo um arquétipo da idiotice da vida urbana massificada. Tenho minhas dúvidas de que esse seja realmente o caso, embora eu não saiba; como no caso do pessoal que frequenta galerias de arte, não sei a quem a arte diz alguma coisa e quem fica ainda mais confuso – mas ao menos alguns estão procurando alguma coisa. Um homem ou mulher jovem fica se preocupando: “Ele está realmente interessado em mim, ou só no meu corpo? Se eu fizer sexo com ele, ele vai me considerar como um nada”. Eu considero essa distinção sem sentido e desastrosa; na verdade eu sempre me comportei de maneira exatamente oposta e muitas das minhas lealdades pessoais de vida inteira tiveram início com sexo. Porém, isso é a regra ou a exceção? Considerando a frieza e fragmentação usual da vida comunitária atual, meu palpite é de que a promiscuidade sexual enriquece mais vidas do que as torna insensíveis. Não é preciso dizer que se tivéssemos melhor comunidade, teríamos também uma vida sexual melhor.

Não posso dizer que minha própria promiscuidade (ou tentativas de) tenha evitado que eu ficasse possessivamente enciumado de alguns dos meus amantes – mais de mulheres do que de homens, mas de ambos. Minha experiência não tem demonstrado o que Freud e Ferenczi parecem prometer: que a homossexualidade diminui essa paixão voraz, cujas causas eu não compreendo. Contudo, o ridículo da inconsistência e da injustiça da minha atitude tem me ajudado a rir de mim mesmo e me impedido de exagerar.

Às vezes é a caçada sexual que me leva a um lugar onde conheço alguém – por exemplo, eu costumava rondar bares perto do cais –, às vezes estou em um lugar por outro motivo e caço por acaso – por exemplo, vou para o estúdio de TV e dou uma cantada no câmara –, às vezes as duas coisas vêm juntas – por exemplo, gosto de jogar handebol e tenho interesse sexual em parceiros de handebol. Mas no final é tudo a mesma coisa, porque em todas as situações eu costumo pensar, falar e agir da mesma forma. Fora ajustes cortesões comuns de vocabulário – mas não de sintaxe, que altera o caráter –, eu falo das mesmas coisas e não uso máscaras diferentes, ou me vejo de repente com uma personalidade diferente. Talvez haja duas razões opostas pelas quais eu consigo manter minha integridade: por um lado, tenho um intelecto forte o suficiente para perceber como as pessoas são de verdade neste nosso único mundo e para conseguir fazer contato com elas independentemente de diferenças de formação; por outro lado, é provável que eu esteja tão fechado nas minhas pressuposições que nem noto obstáculos óbvios impedindo a comunicação.

O jeito como eu realmente abordo não tem feito grande sucesso. Como eu não uso meus dons para manipular a situação, eu raramente consigo o que quero dela. Como não traio meus próprios valores, não me insinuo para agradar. Meu igualitarismo aristocrático afasta as pessoas, a não ser que elas sejam seguras de si mesmas o suficiente para também serem aristocraticamente igualitárias. Ainda assim, o fato de eu não ser falso ou manipulador também tem impedido pessoas de desgostarem ou se ressentirem de mim e normalmente eu tenho a consciência limpa, não há muita mentira ou papo-furado para varrer fora.

Ter-me tornado uma celebridade nesses últimos anos, no entanto, me prejudicou sexualmente mais do que ajudou. Por exemplo, universitários jovens e íntegros que poderiam gostar de mim e que costumavam me procurar agora mantêm uma distância respeitosa do homem ilustre. Talvez achem agora que eu *só posso* estar interessado no corpo deles, e não neles mesmos. Outros, que me procuram somente porque eu sou muito conhecido, parecem entrar em pânico quando fica claro que eu não dou a mínima para isso e me porto como eu mesmo. Claro que uma explicação mais simples para a piora da minha sorte é que eu estou mais velho a cada dia, provavelmente mais feio, e certamente cansado demais para tentar com afinco.

Como regra, eu não acredito em pobreza e sofrimento como uma maneira de aprender nada, mas, no meu caso, as dificuldades e a carência da minha inepta vida *queer* tiveram a utilidade de simplificar minhas noções do

que é uma boa sociedade. Como no caso de qualquer viciado que não consegue sua dose facilmente, essas coisas têm me mantido em contato direto com a fome material. Assim, eu não consigo levar o Produto Interno Bruto muito a sério, nem *status*, nem credenciais, nem soluções tecnológicas grandiosas, nem política ideológica, incluindo movimentos de libertação ideológicos. Para uma pessoa esfoameada, o mundo tem que se apresentar na forma de gêneros alimentícios. Mas não é o que acontece. Eu aprendi a ser modesto nas minhas metas para a sociedade e para mim mesmo: coisas como ar limpo, grama verde, crianças com brilho nos olhos, não ser empurrado pra lá e pra cá, trabalho útil que se adapta às nossas habilidades, comida simples e gostosa e uma fugidinha ocasional satisfatória.

Uma feliz propriedade dos atos sexuais e talvez, especialmente, de atos homossexuais é que eles são sujos, como a vida: como Agostinho disse, *Inter urinas e feces nascimur*, nascemos no meio de mijó e merda. Numa sociedade tão classe-média, ordeira e tecnológica como a nossa, é bom romper o enojamento, que é um fator importante no que é chamado racismo, bem como na crueldade com crianças e no isolamento de doentes e moribundos. A natureza ilegal e o pegue-o-que-der-para-pegar de grande parte da vida homossexual atual rompe outras atitudes convencionais. Embora eu desejasse ter feito minhas festas com menos apreensão e menos pressa, foi uma vantagem aprender que fins de cais, traseiras de caminhões, becos dos fundos, atrás das escadarias, cabines de praias abandonadas e banheiros de trens são amostras adequadas de todo espaço que há. Para bem e para mal, a vida homossexual retém algo do alarme e excitação da sexualidade infantil.

É danoso para as sociedades reprimir qualquer vitalidade espontânea. Às vezes, é necessário, mas só raramente; e certamente não no caso dos atos homossexuais, que, até onde eu ouvi falar, nunca fizeram mal a ninguém. Parte da hostilidade, paranoia e competitividade automática da nossa sociedade resulta da inibição de contato físico. Contudo, de uma maneira muito específica, a proibição da homossexualidade causa dano e despersonaliza o sistema educacional. A relação professor-aluno é quase sempre erótica. As únicas outras motivações psicológicas saudáveis são a mãe-protetora, relevante no caso de crianças pequenas, e o profissional que precisa de aprendizes, relevante para as escolas de graduação. Se houver medo e preocupação de que os sentimentos eróticos podem se converter em sexo, abertamente, a relação professor-aluno falha, ou pior, torna-se fria e cruel. Nossa cultura se ressentiu enormemente da falta de amizades pedagógicas sexuais, homossexuais, heterossexuais e lésbicas, que foram proeminentes em outras culturas. Sem dúvida, uma sexualidade funcional é provavelmente

incompatível com nosso sistema educacional massificado. Essa é uma entre muitas razões por que ele deveria ser desmantelado.

Lembro-me que quando *Growing Up Absurd* tinha recebido várias críticas fulgurantes, finalmente um crítico irritado, Alfred Kazin, sugeriu sombriamente que eu havia escrito sobre meus delinquentes porto-riquenhos (e chamei-os de “mancebos”) porque eu tinha atração sexual por eles. Que novidade. Como eu poderia escrever um livro perceptivo se eu não prestasse atenção? E por que eu iria prestar atenção em alguma coisa a não ser que por algum motivo ela me interessasse? A motivação da maior parte da sociologia, seja ela qual for, tende a produzir livros piores. Duvido que alguém diga que minha observação de adolescentes delinquentes ou dos universitários do movimento estudantil foi prejudicada pelas minhas paixões. Mas quero bem a eles, sim – claro, eles poderiam até dizer: “com um amigo desses, quem precisa de inimigos?”

Porém, é verdade que um lado ruim das dificuldades e perigos da vida *queer* na nossa sociedade, como em qualquer situação de escassez e fome, é que nos tornamos obsessivos e fixados em relação a ela. Eu certamente gastei um número excessivo de horas ansiosas da minha vida caçando, que poderia ter gasto passeando com outros propósitos ou com nenhum, cultivando meu espírito. Contudo, acredito que tive a energia, ou a teimosia, de não deixar minha obsessão turvar minha honestidade. Até onde sei, nunca elogiei um mau poema de um rapaz por ele ser atraente, mas é claro que fico especialmente contente se o poema for bom e eu puder dizer isso. Melhor ainda, é claro, se ele for meu amante e me mostrar algo que me deixe orgulhoso e que eu possa empurrar para um editor. Sim, já que eu comecei essas reflexões com uma nota amarga, deixe terminá-las com um poema feliz de que eu gosto, do meu livro *Hawkweed*.

We have a crazy love affair  
It is wanting each other to be happy.  
Since nobody else cares for that  
we try to see to it ourselves

Since everybody knows that sex  
Is part of love, we make love.

When that's over , we return  
to shrewdly plotting the other's advantage.

Today you gazed at me, that spell  
is why I choose to live on.  
God bless you who remind me simply  
of the earth and sky and Adam.

I think of such things more than most  
but you remind me simply. Man,  
you make me proud to be a workman  
of the Six Days, practical<sup>6</sup>.

Pesando tudo, não sei se minha escolha, ou compulsão, de uma vida bissexual me tornou especialmente infeliz ou apenas medianamente infeliz. É óbvio que toda maneira de viver tem seus problemas, ter ou não ter pai, ser casado ou solteiro, ser fortemente sexuado ou mais assexuado e assim por diante, mas é difícil julgar a experiência dos outros, fazer uma comparação. Senti persistentemente que o mundo não foi feito para mim, mas tive bons momentos. Trabalhei um bocado, criei filhos lindos e cheguei aos 58 anos de idade.

---

<sup>6</sup> Tradução literal: Nós temos um louco caso de amor / e queremos a felicidade um do outro. / Como ninguém mais se importa com isso / nós tentamos resolver isso sozinhos. / Como todos sabem que o sexo / faz parte do amor, fazemos amor. / Quando isso termina, voltamos / a conspirar a vantagem um do outro. / Hoje você ficou me olhando, aquela magia / é o motivo por que escolho continuar vivendo. / Deus bendiga você que me lembra simplesmente / da terra, céu e de Adão. / Eu penso nessas coisas mais do que a maioria / mas você me lembra simplesmente. Homem, / você me faz orgulhoso de ser um trabalhador / dos Seis Dias, prático.

